OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº618

De 4 de agosto a 17 de agosto

Ano 23

R$2 | (11) 9.4101-1917 | PSTU Nacional | www.pstu.org.br | @pstu | Portal do PSTU | @pstu_oficial

LIT-QI Liga Internacional dos Trabalhadores Quarta Internacional

FORA BOLSONARO E MOURÃO !

GENOCIDA, LADRÃO E DITADOR

18 DE AGOSTO. NOVO DIA DE LUTA

Contra a destruição dos serviços públicos, as ameaças autoritárias, o desemprego, a fome, as privatizações e o genocídio na cidade e no campo.



PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



“É crime ser rico no Brasil?”



Bolsonaro dizendo que não vai taxar as grandes fortunas



PASSANDO A BOIADA

Câmara aprova projeto em favor do roubo de terras

O plenário da Câmara dos Deputados aprovou, por 296 votos a 136, o texto-base do Projeto de Lei (PL) 2.633/2020, chamado de “PL da Grilagem” por regularizar a ocupação indevida de terras públicas e facilitar o desmatamento ambiental. Houve apenas uma abstenção. Depois que os parlamentares deliberarem sobre os destaques (sugestões de alteração), o texto segue para avaliação do Senado.



O projeto anistia quem invadiu e desmatou terra pública até dezembro de 2018 (para a Amazônia) e maio de 2014 (para o restante do país) de forma ilegal. Para a regularização, dispensa vistoria nos imóveis rurais de até 15 módulos fiscais. Ela poderá ser feita apenas com a declaração do suposto proprietário. Também concede título a quem já é proprietário de terras, desde que a soma das áreas, incluindo a invadida, não ultrapasse 2.500 hectares. Ou seja, vai passar a terra pública a quem já é proprietário de diversos imóveis, o que só vai beneficiar grileiros. Permite que áreas invadidas com até 1.650 hectares possam ser tituladas sem necessidade de vistoria. Essa proposta coloca em risco pequenos posseiros, que podem ver suas terras tituladas em nome de grandes grileiros. Além disso, facilita a titulação de áreas que tiveram desmatamento ilegal. Para isso, basta assinar o Programa de Regularização Ambiental (PRA) ou Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), sem precisar de qualquer plano de recuperação ambiental. O projeto foi aprovado no momento em que começa o período dos grandes incêndios na Amazônia que certamente serão os maiores dos últimos anos.

APAGÃO DO LATTES

O desprezo à ciência e à pesquisa

Enquanto fechávamos esta edição, o apagão na Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CPNq), órgão vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, chegava ao seu 10º dia sem que as plataformas Lattes e Carlos Chagas tivessem sido plenamente restabelecidas. No dia 23 de julho, uma falha do sistema do órgão “apagou” todos os currículos Lattes. Ao que consta, um dos servidores queimou e não haveria garantia ou contrato de manutenção. O Lattes é um banco que armazena todos os currículos de pesquisadores do país. São mais de 7 milhões de currículos cadastrados. Já o sistema Carlos Chagas é responsável por editais para pesquisas e para o pagamentos de bolsas. Com o apagão, temeu-se que milhares de bolsas estivessem em risco. A direção do órgão prometeu a volta do sistema para o dia 2 de agosto, o que não ocorreu. Neste dia 3, o sistema voltou ao ar, mas de forma parcial. O incidente revela, mais uma vez, o desprezo do governo Bolsonaro em relação à pesquisa, à ciência e à educação no país. O orçamento do CNPq em 2021 é o menor desde 2012. No início do ano, as verbas do órgão já tinham tido um corte de R$ 100 milhões para o pagamento de bolsas. Em julho último, o governo bloqueou outros R$ 116 milhões.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Botar pra fora Bolsonaro e enfrentar os super-ricos

Acabando as Olimpíadas e o recesso parlamentar, ficam o genocídio, o desemprego, a fome e a entrega e destruição do país. Numa ponta crescem a miséria, a carestia, a precarização do trabalho, a violência racista, machista e LGBTfóbica, assim como o extermínio das populações indígenas. Na outra, crescem as riquezas de um punhado de bilionários e os lucros dos grandes monopólios internacionais, entrelaçados com os dos banqueiros e grandes empresários nacionais, assim como a corrupção.

Bolsonaro e seu governo promovem a destruição do país. O incêndio na Cinemateca e o apagão no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) são exemplos do estado de barbárie que esse governo deixa o país, no rastro de mais de meio milhão de mortes na pandemia. A popularidade vem escorrendo pelo ralo, e Bolsonaro tenta se equilibrar entregando o governo ao centrão e se apoiando na cúpula autoritária e corrupta das Forças Armadas.

AMEAÇAS

Hoje por hoje, as ameaças golpistas não têm condições de se concretizarem, uma vez que nem os EUA, nem a burguesia apoiam uma aventura desse tipo. Mas não se pode descartar tentativas golpistas desse governo com base em forças militares e paramilitares, mafiosas e corruptas, como as milícias.

Numa situação de grave crise capitalista, aprofundada pela pandemia, a burguesia segue dividida. Parte majoritária é contra a continuidade de Bolsonaro para além de 2022, já que ele representa um estado permanente de instabilidade. Por outro lado, esses mesmos setores estão contra derrubá-lo, já que o governo segue passando a boiada no Congresso contra os direitos, os serviços públicos, em favor das privatizações e da entrega total do país. Continua, assim, garantindo a transferência de renda dos trabalhadores e da população pobre aos banqueiros, bilionários e super-ricos.

MANIFESTAÇÕES

É preciso tirar Bolsonaro de lá já. Para isso, as manifestações precisam continuar e não ser freadas. Pelo contrário, é necessário intensificá-las e avançar para a organização de uma greve geral. Nesse sentido, é preciso construir o dia 18 de agosto com assembleias nas fábricas, nos locais de trabalho, moradia, defendendo uma greve geral e a mais ampla unidade para construí-la.

Junto a isso, é fundamental discutir um projeto para o país que realmente ataque os problemas que afligem a grande maioria do povo. Que bote um ponto final no genocídio, no desemprego, na fome, no arrocho salarial, na precarização do trabalho, no desmantelamento dos serviços públicos. E que garanta a universalização do saneamento e da moradia, reforma agrária radical sob controle dos sem terra, a demarcação das terras indígenas e a regulamentação das terras quilombolas, além de proteger o meio ambiente, a soberania nacional, a cultura e a produção científica sob controle dos trabalhadores e da população.

TIRAR DOS BILIONÁRIOS E DOS SUPER-RICOS

Para começar, é preciso suspender o pagamento e auditar a dívida pública, que consome metade de todo o orçamento e hoje já atinge 84% do PIB, controlado por 12 grandes instituições financeiras. Segundo, é preciso estatizar, sob controle dos trabalhadores, o sistema financeiro, única forma de impedir a fuga de capitais e de se garantir crédito para o pequeno negócio, assim como o perdão das dívidas dos trabalhadores e pequenos empresários. Terceiro, é preciso parar as privatizações da Eletrobras, dos Correios e da Petrobras, assim como do saneamento básico, estatizando a saúde privada e a colocando sob controle do SUS. Taxar fortemente as grandes fortunas, os lucros e dividendos das 250 maiores empresas e bancos. Junto com isso, é preciso revogar a reforma trabalhista, a lei das terceirizações e acabar com a precarização do trabalho; além de reduzir a jornada de trabalho para 36h semanais, sem redução dos salários.



Um projeto dessa natureza é o único que pode favorecer a classe trabalhadora, o povo pobre e também o pequeno empresário e produtor; acabar com a depredação do meio ambiente e defender a soberania nacional. Isso exige enfrentar os super-ricos, não governar com eles e para eles, como propõe Lula, a direção do PT e demais candidaturas burguesas. Já a direção do PSOL defende apoiar Lula no primeiro turno e, ao que tudo indica, participar de seu governo, apresentando algumas diferenças com o programa no varejo, mas aceitando-o no atacado.

Se na luta para derrubar Bolsonaro já deve haver a mais ampla unidade na ação – e se para impedir qualquer tentativa golpista desse governo devemos estar na linha de frente, inclusive, organizando a autodefesa, unidos com todos que se posicionem pela defesa das liberdades democráticas –, no terreno do projeto de país o caminho não pode seguir sendo o de colocar a classe trabalhadora e o povo pobre a reboque dos projetos dos super-ricos, pedindo outra migalha que caia do banquete de lucros, exploração e barbárie que eles proporcionam há mais de 500 anos no nosso país.

ALTERNATIVA

Precisamos construir um polo em defesa de uma verdadeira transformação social, uma alternativa de independência de classe, socialista e revolucionária. Uma mudança para valer só poderá acontecer se estiver apoiada na mobilização e auto-organização dos trabalhadores e da juventude, nas fábricas, nos bancos, demais locais de trabalho e estudo, entre trabalhadores precários e de aplicativos, desempregados, nos bairros, no campo, indígenas, quilombolas, negros e negras, mulheres, LGBTIs, imigrantes da classe trabalhadora.

Chamamos a todos que veem a necessidade de uma alternativa de enfrentamento com os capitalistas e independência de classe a construírem um polo revolucionário e socialista.

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/TEPCI

PANDEMIA

Variante delta se espalha e anuncia nova onda de contaminação

DA REDAÇÃO

Se você pensou que a pandemia estava controlada, pensou errado. Infelizmente essa tem sido a percepção de boa parte da população. Uma pesquisa do Datafolha, divulgada em 15 de julho último, mostra que 53% consideram a pandemia no Brasil parcialmente controlada, contra sensatos 41% que sabem que ela ainda está fora de controle.

Tal percepção é alimentada pelas baboseiras negacionistas de Bolsonaro, pela reabertura criminosa levada a cabo pelos governadores e prefeitos e também pela diminuição do número de casos e mortes. Em março, por exemplo, quando a pandemia chegou ao seu auge, alcançando mais de 3 mil mortes diárias, 79% opinavam que ela estava fora de controle. No entanto, é preciso destacar que o número de mortes segue altíssimo. Em 3 de agosto 1.238 brasileiros morreram por Covid, um a cada 70 segundos.

A falsa impressão de segurança pode ser o prelúdio para novas tragédias. Basta apenas olhar para os países centrais do capitalismo na Europa e os Estados Unidos para constatar que por lá as coisas estão fora de controle com a variante delta, surgida na Índia.



UMA NOVA ONDA SURGINDO

A variante delta é tão contagiosa quanto a catapora e muito mais contagiosa que os resfriados ou a gripe comum, de acordo com o relatório do Centers for Disease Control (CDC). Pesquisas realizadas na China indicam que a variante delta se replica muito mais rápido e gera mil vezes mais vírus no organismo, comparada à versão original da doença. Por isso, ela representa um grande perigo e inicia uma nova onda de contaminações.

Um exemplo da sua capacidade de contaminação acontece hoje no Vietnã. Até poucos meses, o país do Sudoeste Asiático era descrito como um exemplo de triunfo no combate à Covid-19. Com 100 milhões de habitantes, até maio deste ano, o Vietnã tinha registrado só 35 mortes pela pandemia, todas elas concentradas em pouco mais de um mês no ano passado. Mas tudo mudou com a delta; os casos explodiram, chegando a 6 mil por dia, e hoje o país soma mais de 1.300 mortes

Outra situação preocupante é o que acontece nos EUA, onde a variante delta tem provocado disseminação rápida do vírus e, atualmente, é responsável por 83% dos casos. Aproximadamente 50% dos estadunidenses já receberam a segunda dose, mas esse nível não foi atingido ainda em cerca de dois terços das cidades do país. Há uma profunda desigualdade na vacinação nos estados em razão do negacionismo ideológico. Aqueles estados onde o negacionismo é mais forte, via de regra associado ao trumpismo, registram baixa imunização, tais como Alabama (34%), Arkansas (35%), Louisiana (36%), Mississippi (34%) e Wyoming (36%), que estão vivendo nova onda da Covid-19. A Louisiana, por exemplo, permitiu o fim do uso de máscaras em ambientes fechados e bateu, em seguida, recordes de casos de Covid-19. Teve que voltar atrás e novamente recomendar uso de máscara em ambientes fechados.

Os dados também indicam que a maioria das hospitalizações e mortes causadas pelo coronavírus nos EUA acontecem entre pessoas que não foram vacinadas. Novamente na Louisiana, cerca de 93% dos casos são entre quem não se vacinou.

No Reino Unido, o governo também resolveu abrir tudo precipitadamente, suspender a obrigatoriedade das máscaras e cancelar a proibição de aglomerações em bares e restaurantes, apesar dos protestos dos infectologistas e epidemiologistas das universidades mais importantes do país. Não deu outra, o aumento do número de casos no país não para de crescer, apesar de cerca de 68% dos britânicos já terem recebido a primeira dose e 52%, a segunda, números bem mais favoráveis do que os nossos. Na Alemanha foi anunciado que o país “entrou na quarta onda” da pandemia. Por lá, 49% da população tomou as duas doses.

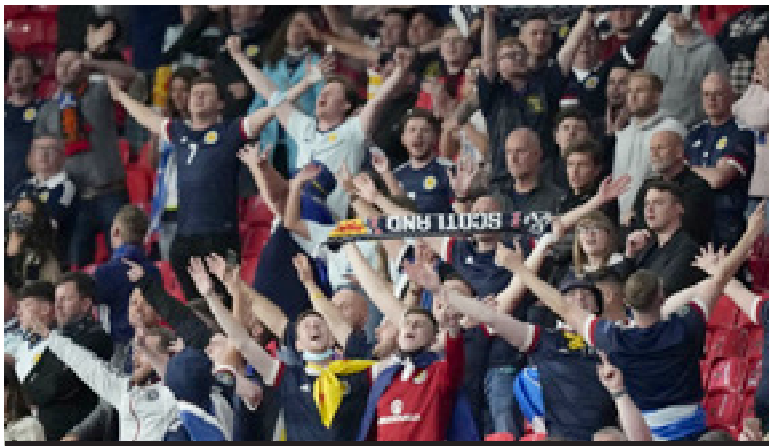
LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/TF3NF

CAPITALISMO É ASSIM

Farsa do “fim da pandemia” é para os capitalistas lucrarem

Mas por que os governos falam em “fim da pandemia” ou da proximidade de seu fim? Isso é uma farsa do capitalismo imperialista para expandir e consolidar a “nova normalidade” que recupere plenamente seu funcionamento econômico, a exploração dos trabalhadores e a obtenção de lucros. Expressa também o desprezo dos capitalistas e seus governos pela vida dos povos do resto do mundo.

A reabertura que promovem vai ter consequências gravíssimas e é, de certa forma, estúpida. A ampla circulação do vírus torna inevitável o surgimento e a disseminação de novas cepas que se voltam como um bumerangue aos próprios países imperialistas. Basta considerar, por exemplo, que nos EUA vivem 10 milhões de imigrantes da Índia e na Grã Bretanha, 1,5 milhão, uma parte dos quais viaja para seu país de origem para ver suas famílias ou é visitada por elas, apesar das restrições vigentes. Por esse motivo, a delta é a variante predominante.



REINO UNIDO - Na Euro de estádios e bares cheios, a Covid-19 também faz a festa.

DELTA CHEGOU

Com pouco imunizados, Brasil vai enfrentar nova onda da pandemia

A situação no Brasil será pior do que a vista na Europa e nos EUA hoje. Até 2 de agosto só conseguimos administrar a primeira dose para 47,96% da população. Apenas 19,89% receberam a segunda dose, necessária para completar a imunização. Adolescentes e crianças ainda não vacinadas formam um reservatório suscetível de pelo menos 50 milhões de indivíduos. E com a livre circulação do vírus, as vacinas se tornam menos efetivas para pessoas cujos sistemas imunológicos tenham sido comprometidos, especialmente as mais velhas.

Alguns supõem que a variante gamma, a P1 que surgiu no Brasil, se alastrou ao longo do ano contaminando e matando tanta gente que seria pior do que a delta. Errado. Os dados mostram o contrário. No México, por exemplo, a gamma tinha presença muito forte entre os casos confirmados de Covid-19. Depois da chegada da delta, já é a mais prevalente no país. O mesmo deve acontecer por aqui.

A gamma, por enquanto, é predominante no Brasil, mas especialistas acreditam que a delta provavelmente tomará este espaço em breve, pois já está em transmissão comunitária. "Corremos o risco, sim, de ela ultrapassar a gamma. A pessoa contaminada passa o vírus mais facilmente, porque a delta é mais transmissível do que qualquer outra variante. Ela tem mutações inéditas, que a tornam menos reconhecível para os anticorpos e pode até diminuir a eficácia das vacinas", alerta o virologista Bergmann Morais Ribeiro, da Universidade de Brasília (UnB).



O problema é que sua disseminação aumenta as chances de escape de vacinas. "A delta é um problema, mas a gamma também está evoluindo, adaptando-se ao corpo. Quanto mais tempo deixarmos o vírus circulando, maior a chance de ele ter mutações que o favoreçam. O importante é parar a replicação de todas as variantes", salienta Ribeiro.

NÃO ACABOU

Enquanto nova variante avança, governos anunciam reabertura

Se Bolsonaro é um genocida e corrupto que se recusou a comprar vacina, apostando na chamada imunidade de rebanho, enquanto negociava doses superfaturadas, os governadores e prefeitos também têm sua cota de responsabilidade na morte de 560 mil brasileiros. Nunca implementaram uma quarentena pra valer, com políticas de auxílio, para conter a disseminação do vírus.

E diante desse cenário mundial é absolutamente criminosa a política de reabertura anunciada por eles. Na cidade do Rio de Janeiro, o prefeito Eduardo Paes quer liberar público em estádios e boates e anuncia data para fim do uso de máscaras. Em São Paulo, João Doria anunciou flexibilização, permitindo atividades até meia-noite e com 80% da capacidade. Chegou a liberar a Av. Paulista ao público aos domingos em um evento "teste", mas que não testou ninguém. A mesma toada absurda é também realizada em outros estados.

RETORNO ÀS AULAS

Todo dia vemos na TV a campanha pelo retorno total das escolas. Até o ministro da Educação, Milton Ribeiro, defendeu em pronunciamento o retorno às aulas presenciais em todo o país. Em praticamente todos os estados, as aulas estão gradativamente retornando.

Diante da quarentena fake dos governadores, uma das poucas coisas que restringiam a circulação do vírus foi justamente a suspensão das aulas presenciais. Mas agora, diante do avanço da variante delta, essa barreira poderá não existir, e o descontrole da pandemia se aprofundará.

Muitos professores ainda não estão completamente imunizados. Os alunos sequer tomaram alguma dose da vacina. As sucateadas escolas brasileiras não têm a menor condição ou infraestrutura para garantir qualquer tipo de proteção. Um estudo recente na Universidade de São Paulo, com dados públicos de cinco estados sobre medidas para o retorno às aulas presenciais, aponta falhas nos protocolos analisados. Os índices de segurança são baixíssimos, com notas que variam entre 30 a 59, enquanto o máximo é 100.

Mesmo assim, governo e prefeituras pressionam pelo retorno por que obedecem a interesses econômicos vindos da família Setúbal (dona do Banco Itaú), da Fundação Lemann e de empresários reunidos no grupo "Todos Pela Educação". São capitalistas que investem bilhões na educação privada e querem a voltar a lucrar, mesmo que isso possa custar a vida de milhares de pessoas. Por isso, retorno às aulas é só com todo mundo vacinado.



Essas foram as máscaras distribuídas a estudantes do Amazonas no retorno às aulas em 2020.

PROGRAMA

- **Quebrar patentes para garantir vacinação pra todos já!**
- **Retorno às aulas presenciais só após vacinação de todos!**
- **Garantir o controle, eliminação e erradicação da pandemia com vacinação, testes de rastreamento e medidas de isolamento social!**
- **Auxílio emergencial de um salário mínimo para garantir quarentena!**

OLIMPÍADAS 2022

Medalhas surpreendentes de um país desigual

ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

“Estou feliz com a prova. Foi um ano muito, muito difícil. Além da pandemia, tive uma fratura por estresse e estou sem patrocinador. O salário do clube foi reduzido e consegui me manter”, desabafou com os olhos cheios de lágrimas a velocista Vitória Rosa, após não ter se classificado na prova de 200 metros rasos. As dificuldades enfrentadas por Vitória para chegar até Tóquio foram as mesmas de uma grande parcela dos atletas brasileiros.

A falta de investimento também foi questionada pela jogadora da seleção feminina de futebol, a alagoana Marta Silva, eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo. “O peso de quem não trouxe a medalha não é das jogadoras, é de quem não investe no futebol feminino brasileiro”, desabafou.

A delegação brasileira em Tóquio é a segunda maior de todos os tempos, com 309 atletas, com perfis bem diversificados (gênero, raça e orientação sexual), e bastante desigual no quesito condições materiais (financiamentos e patrocínios).

Dos 309 atletas brasileiros nas Olimpíadas, 231 dependem do Bolsa Atleta, incentivo que existe desde 2004 e não teve edital lançado no ano passado, como parte dos cortes no orçamento impostos pelo governo Bolsonaro. Com redução de investimentos, o governo do presidente genocida é o principal adversário dos atletas brasileiros.

SEM MINISTÉRIO DOS ESPORTES

Logo em seu primeiro dia na presidência, Bolsonaro acabou com o Ministério do Esporte, rebaixando a pasta a uma secretaria ligada ao Ministério da Cidadania. Em 2020, a Secretaria do Esporte recebeu R$ 225 milhões em recursos: 49% a menos, comparado ao orçamento do ano anterior. A pasta também perdeu dois terços de seus funcionários no atual governo.

Em meio à pandemia, quando os atletas precisavam de mais apoio, o governo federal cancelou o edital do Bolsa Atleta. Para muitos atletas, o benefício do programa, que varia de R$ 370 até R$ 15 mil a competidores de diferentes níveis, é a única fonte de renda. Isso deixa os atletas reféns dos patrocínios de empresas privadas, ou são obrigados a alternar a rotina de treinos com outro tipo de trabalho remunerado.





MEDALHA DE OURO DA DESIGUALDADE

De acordo com um levantamento realizado pelo Globo Esporte, do total dos 309 atletas, 42% (131 deles) não contam com patrocínios e 41 precisaram fazer vaquinha para estar no Japão. Outros 33 não conseguem viver só do esporte e têm outras profissões – motorista de aplicativo foi a mais citada pelos atletas.

E o pouco do investimento concentra-se na região Sudeste, revelando uma desigualdade na representação geográfica dos competidores brasileiros nas Olimpíadas. Cinco Estados, todos do Norte – Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia e Tocantins – não têm representantes na delegação brasileira. Apenas três competidores são nortistas (dois do Pará e um de Roraima), o que representa menos de 1% da delegação brasileira em Tóquio.

Cerca de 190 competidores são da região Sudeste, o que equivale a 61% de toda a delegação brasileira. Enquanto a região Centro-Oeste representa menos de 5%, com apenas 15 atletas.



Os homens ainda são maioria (164), com 53% da delegação. As mulheres representam 47%, com 145 atletas. É o percentual mais alto em todas as participações brasileiras no evento. Elas são destaque nas conquistas brasileiras até agora: Rebeca Andrade (ginástica, prata e ouro), Rayssa Leal (skate, prata), Mayra Aguiar (judô, bronze) e Luisa Stefani e Laura Pigossi (tênis, bronze).

Quanto à raça, 162 atletas (53%) se autodeclaram brancos, enquanto 143, pretos e pardos (46%) e 1% (4 atletas), amarelos. Já quanto à orientação sexual, 251 atletas da delegação brasileira se autodeclaram heterossexuais, 26 bissexuais, 19 homossexuais e 13 não responderam.

SUPERAÇÃO

O descaso do governo Bolsonaro, dos cortes no orçamento na pasta do Esporte, à falta de investimento e de valorização, é o que nos leva a comemorar cada feito dos atletas brasileiros em Tóquio.

As histórias de vida e de superação da ginasta Rebeca Andrade, da skatista Rayssa Leal e do surfista Ítalo Ferrei-



ra nos emocionam, arrancam lágrimas, porque representam a parcela do nosso povo que luta cotidianamente. Longe da disputa individual que o capitalismo impõe, são vitórias coletivas, alcançadas com a ajuda de muitas pessoas, conforme podemos ver nas declarações dos atletas.

A ginasta Rebeca Andrade é uma jovem, negra, filha da periferia, criada sozinha pela mãe com ajuda dos irmãos. Muitas vezes, caminhou por duas horas para chegar ao centro de treinamento, quando começou a praticar o esporte em Guarulhos (SP).

A menina Rayssa Leal, com apenas 13 anos de idade, gravou seu nome na história do skate e dos Jogos Olímpicos, ao ganhar a medalha de prata na categoria street. Seis anos atrás, Rayssa enfrentou perrengues para disputar a primeira competição fora de Imperatriz (MA), cidade onde nasceu. Ela viajou a Blumenau (SC) na companhia dos pais e do irmão mais novo, em outubro de 2015. A viagem contou com vaquinha para pagar despesas, alojamento improvisado e refeições à base de miojo. Quando retornou de Tóquio, com a medalha no peito, o prefeito de Imperatriz, Assis Ramos (DEM), quis organizar uma recepção na pista de skate da cidade, mas a ideia foi rejeitada pela família, pois queriam tirar proveitos. A atleta se negou a posar ao lado dos políticos, já que eles nunca apoiaram sua carreira. O pai da Rayssa chegou a ir várias vezes à Secretaria de Esportes de Imperatriz, nunca obteve resposta positiva. Sem estrutura para treinar, Rayssa contou com o apoio da família, dos amigos e com muita força de vontade para superar as dificuldades.

As mesmas batalhas travadas por Rebeca e Rayssa foram também enfrentadas pelo surfista Ítalo Ferreira. Ele, que nasceu e foi criado numa pousada em que a mãe trabalhava, na pequena Baía Formosa (RN), aprendeu a pegar ondas usando prancha emprestada. Quando não conseguia, improvisava com tampa de isopor do pai, que era pescador. “Eu queria que minha avó estivesse viva para ela ver isso. Para ver o que eu me tornei, o que eu consegui fazer pelos meus pais, por aqueles que estão ao meu redor”, disse, chorando, em entrevista. A avó Dona Mariquinha, que faleceu há dois anos, era uma das principais inspirações do atleta.

OUTRO MODELO DE SOCIEDADE

Para que o esporte não seja privilégio de poucos

Se mesmo com todas as barreiras e desigualdades impostas pelo capitalismo, atletas como Rebeca, Rayssa e Ítalo são capazes de feitos memoráveis, imaginem se vivêssemos em uma sociedade igualitária, onde os esportes fossem vistos como parte do desenvolvimento das potencialidades humanas, e não como mercadorias, como faz o sistema capitalista.

Em uma sociedade onde os esportes estejam presentes desde o início dos ciclos educacionais, com escolas preparadas, com recursos e equipamentos necessários, teríamos, com toda certeza, grandes atletas. Mas isso é impossível no capitalismo, que transformou o esporte em privilégio de poucos, recheado de segregações e desigualdades.

Uma pequena mostra da desigualdade é o fato de Marta ganhar do clube Orlando Pride 340 mil euros (R$ 2 milhões) por temporada (de dez meses), valor que representa 1% dos ganhos de Neymar Jr. (que não foi convocado para Tóquio).

Só um sistema que não permite as condições igualitárias leva às comemorações eufóricas pela conquista de uma medalha, como foi o caso do boxeador Hebert, que após derrotar seu adversário, avançando para a semifinal, gritou: “Eu sou medalhista olímpico. Eu mereço pra caralho. Nós trabalhamos pra caralho! Aqui é Brasil, é Bahia, Salvador.” A vitória de Hebert é resultado dos vários projetos sociais que existem em Salvador voltados ao boxe, mantidos sem a ajuda de governos. O governador da Bahia, Rui Costa (PT), quis surfar na vitória do lutador baiano nas redes sociais, mas o boxeador Robson Conceição, também baiano, campeão nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, rebateu: “De Salvador pro mundo, mesmo sem apoio.” Após a medalha de Robson Conceição em 2016, o governador petista prometeu a construção do Centro Olímpico de Boxe, mas até hoje a obra não foi realizada.



Lutar por um esporte igualitário, com investimentos, com valorização dos nossos atletas, é parte da luta por outro modelo de sociedade. Levando em conta todas as adversidades que nossos atletas enfrentam para estar em Tóquio, nada mais justo que a eufórica comemoração do baiano Hebert, que o lindo e singelo sorriso de Rayssa, a simpatia de Rebeca e as lágrimas de Ítalo. Essas vitórias merecem sim ser comemoradas!

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/YH911

GENOCIDA, LADRÃO E DITADOR

Bolsonaro faz ameaça de golpe enquanto entrega o governo ao centrão

DA REDAÇÃO

No dia 29 de julho último, Bolsonaro armou um verdadeiro circo para apresentar o que seriam as "provas" de que haveria fraude eleitoral. Convocou a imprensa para acompanhar a sua live, transmitiu ao vivo pela estatal TV Brasil e mobilizou sua rede de apoiadores para o grande evento. Diante de toda expectativa, mostrou só alguns vídeos antigos de zap, com fake news há muito desmentidas.

O objetivo do governo, porém, era mobilizar sua cada vez mais restrita base de apoio em torno ao tema do voto impresso. Três dias depois, o bolsonarismo realizou diversos atos pelo país com a reivindicação, ameaçando "não ter eleição" caso ele perca. As manifestações foram bem menores que as anteriores realizadas pela ultradireita, mostrando o desgaste crescente que enfrenta.

Diante da crise em que se encontra, o governo faz dois movimentos. De um lado, reafirma as ameaças golpistas, desta vez escondidas no falatório sobre as urnas eletrônicas. Parte disso foi a ameaça realizada pelo ministro da Defesa,



general Braga Netto, ao Congresso, de que, caso não fosse aprovado o voto impresso, não haveria eleições em 2022. Essa história é apenas uma justificativa para questionar o resultado eleitoral lá na frente, como Trump tentou nos EUA.

Ao mesmo tempo, Bolsonaro entrega de vez o governo ao centrão, com a nomeação do presidente do Progressistas, Ciro Nogueira, ao Ministério da Casa Civil. Na prática, é como se o presidente colocasse o líder do centrão como primeiro-ministro, já que é justamente pela Casa Civil que passam todos os projetos do governo e as articulações com os demais ministérios. Essa movimentação tem como principal objetivo, mais imediato, livrar Bolsonaro do impeachment e da cadeia. E também pavimentar o caminho para a reeleição no ano que vem.

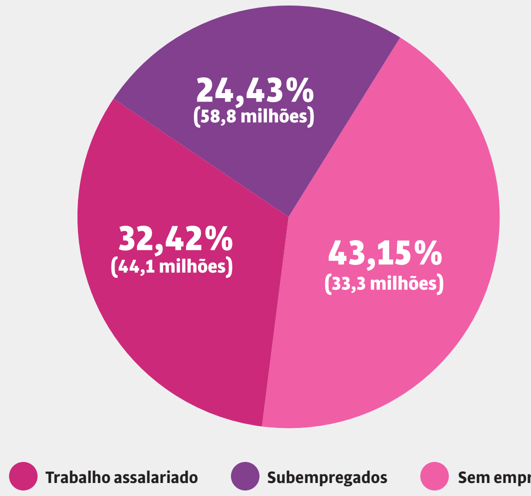
GOLPE COMO "PLANO B"

A expectativa do governo é de que a economia cresça até 2022 e, enquanto isso, programas "sociais" como um vale-gás ou o Bolsa Família turbinado recuperem sua popularidade. Mas, na melhor das hipóteses, o crescimento do Brasil deve apenas recuperar a retração durante a pandemia, o que faria com que, no geral, retornássemos à situação de antes de 2020, quando já estávamos em crise. Porém, num patamar muito pior, com um aumento brutal da desigualdade, desemprego em massa e a generalização do trabalho precário.

Já o Bolsa Família turbinado seria pago com privatizações como a dos Correios, o atraso no pagamento dos precatórios (dívidas do governo federal em ações judiciais) e demais medidas contra os trabalhadores, como a reforma administrativa que ataca os servidores e o serviço público. Ou seja, trata-se de conceder uma migalha com uma mão para um setor de miseráveis, tirando com outra de toda a classe trabalhadora.

Como "plano B", está a ideia de tentativa de golpe. No curto prazo não há condições e correlação de forças para isso. Mas, pela natureza autoritária desse governo e daqueles que o apoiam, incluindo a base militar e miliciana que Bolsonaro cultiva, isso pode avançar. A classe trabalhadora não deve aceitar qualquer tentativa de golpe e nenhum ataque às liberdades democráticas ou repressão à classe, suas organizações ou qualquer organização democrática. Para isso, deve estar mobilizada e organizar sua autodefesa.

EMPREGADOS, SUBEMPREGADOS E SEM EMPREGO (2020)



Fonte: SPC Brasil, DataPrev, Cadastro Nacional e Relação Anual de Informações Sociais (CNIS/Rais), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elaboração: Instituto Latino-americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese)

CRISE SOCIAL

Desemprego em massa, fome e miséria

As cenas de uma fila interminável de pessoas à espera de ossos com retalhos de carne doados por um açougue em Cuiabá (MT) rodaram o país. Mostram o quadro atual em que a fome atinge mais de 19 milhões de brasileiros, com mais de 125 milhões passando por algum tipo de insegurança alimentar, segundo estudo coordenado pelo Grupo de Pesquisa Alimento para Justiça: poder, política e desigualdades alimentares na bioeconomia, da Universidade Livre de Berlim.

Uma realidade fruto da crise social que une desemprego em massa, inflação dos produtos mais básicos, perda de renda na pandemia e um arremedo de auxílio emergencial que não cobre metade de uma cesta básica. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o desemprego atingia 14,8 milhões de pessoas no trimestre encerrado em maio. No entanto, são números subnotificados, já que o critério utilizado para a taxa oficial de desemprego é o de pessoas que buscavam trabalho no momento da pesquisa. Levantamento realizado pelo Instituto Latino-americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese) calcula a taxa de pessoas sem trabalho no Brasil em 43,15%.

A inflação dos produtos mais básicos, por sua vez, é bem maior que a inflação oficial, que ficou em torno de 6%. E segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), mais da metade dos reajustes no primeiro semestre (52%) ficaram abaixo da inflação.



PREÇOS NAS ALTURAS (INFLAÇÃO DE MARÇO DE 2020 A MARÇO DE 2021)

Arroz	Carne bovina	Farinha de mandioca	Açúcar
122%	71,94%	67,16%	53,18%

Fonte: Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT)

NÃO É HORA DE "FREIOS"

18 de agosto é Dia Nacional de Lutas. Fora Bolsonaro e Mourão já!

Após o 24 de julho, o próximo dia de mobilizações contra o governo será 18 de agosto. A data coincide com a da greve geral aprovada pelo funcionalismo público no encontro da categoria nos dias 29 e 30 de julho. Realizado de forma online e contando com mais de 15 mil servidores das três esferas de todo o Brasil, o encontro definiu a paralisação contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 32, relativa à "reforma administrativa", que ataca duramente os serviços públicos, e contra as privatizações.

A partir dessa data, as entidades que compõem a coordenação do movimento Fora Bolsonaro definiram 18 de agosto como dia de luta, paralisações e protestos. A CSP-Conlutas fez um chamado às demais centrais para um forte dia de assembleias, paralisações e manifestações como esquenta para a construção de uma greve geral no país. Além disso, a coordenação também aprovou uma mobilização unitária no dia 7 de setembro, em conjunto com o Grito dos Excluídos.

TODOS ÀS RUAS

Na contramão do desgaste cada vez maior do governo, e do avanço em sua política de genocídio, retirada de direitos e entrega das estatais, setores da campanha Fora Bolsonaro afirmaram ao jornal Folha de S. Paulo que era o momento de "adiar a convocação de novos atos". Sob o argumento de que não haveria "fatos novos", ou do recesso da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), esses dirigentes defendem um "freio" nas mobilizações.

Junto a essas declarações, os setores majoritários da campanha também vêm divulgando o 7 de setembro como próximo dia de lutas, encobrindo o 18 de agosto aprovado na própria reunião da coordenação. Essa movimentação mostra que esses setores não atuam de fato para tirar Bolsonaro e seu governo já, mas de acordo com o calendário do Congresso Nacional e, sobretudo, eleitoral.

Fatos novos aparecem todos os dias, tanto de novas denúncias de corrupção (não à toa que pesquisa divulgada no último dia 2 de agosto mostra que 54% acham que Bolsonaro está envolvido em corrupção na compra de vacinas) como de ameaças autoritárias e novos ataques. É hora de intensificar as lutas e dar um passo adiante, chamando a organização de uma greve geral para efetivamente botar abaixo esse governo. Assim, rechaçar as ameaças autoritárias e a corrupção, e defender o emprego, o salário, a renda e a saúde, contra as privatizações.

"Devemos colocar o 18 de agosto a serviço da construção da greve geral. A propósito, para as centrais sindicais que até aqui se recusam a convocá-la, eis um bom momento para fortalecerem a convocação desse novo dia nacional pelo Fora Bolsonaro e Mourão e realizarem assembleias, protestos e paralisações, rumo à greve geral", defende o dirigente da CSP-Conlutas, Atnágoras Lopes.

CALENDÁRIO

Próximos passos da campanha

5 de agosto: Dia Nacional da Saúde, com ato no Congresso Nacional em defesa da vida, do Sistema Único de Saúde (SUS) e das liberdades democráticas

11 de agosto: Dia do Estudante

18 de agosto: Greve nacional dos servidores e dia nacional de luta

28 de agosto: Mutirão nacional Fora Bolsonaro em preparação ao Grito dos Excluídos

7 de setembro: Grito dos Excluídos

SAÍDA

Um programa e uma alternativa dos trabalhadores para o país

A necessidade mais urgente neste momento é a unidade de todos os setores dispostos a pôr abaixo o governo Bolsonaro e Mourão, enterrando de vez este governo genocida que gesta um projeto de ditadura. Para isso, é necessário avançar nas manifestações e na construção de uma greve geral pelo Fora Bolsonaro e Mourão, auxílio emergencial de pelo menos R$ 600,00 (deveria ser de um salário mínimo) até o fim da pandemia, em defesa dos empregos, dos direitos e contra a entrega do país.

É preciso, porém, discutir o que colocar no lugar. Debate-se a candidatura Lula e uma possível "terceira via" que, na verdade, trata-se de mais candidatura da burguesia à lá PSDB, Rodrigo Maia (DEM) ou Ciro Gomes. Na realidade, aqui se têm duas vias: o governo Bolsonaro e uma perspectiva autoritária (via golpe ou fechamento paulatino do regime) e uma via democrático-burguesa, com eleições e a permanência de uma política econômica que beneficia os bilionários, banqueiros e grandes empresários. Lula acabou de dizer que é contra a taxação das grandes fortunas, pois os ricos fugiriam do país.

Uma verdadeira terceira via seria uma alternativa da classe trabalhadora, que impusesse um programa que atacasse os lucros e as grandes propriedades da burguesia. Que, além de taxar os bilionários, proibisse a fuga de capitais, impedisse a sangria da mal denominada dívida pública, a entrega do país e investisse maciçamente na geração de empregos, saúde e educação pública. Ou seja, que colocasse toda a economia a favor da classe trabalhadora e do povo pobre, apontando para um governo socialista dos trabalhadores.

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/1MTBI



BORBA GATO

Libertar Paulo Galo e nos livrar dos genocidas heróis da burguesia

HERTZ DIAS,
DE SÃO LUÍS (MA)

O casal Paulo Galo e Géssica Barbosa foi preso em São Paulo sob a acusação de atear fogo na estátua do bandeirante Borba Gato, no dia 24 de julho. Géssica, que sequer esteve no local da ação, encontra-se agora em prisão domiciliar. Galo, principal líder dos entregadores de aplicativos, apresentou-se voluntariamente à polícia, mas, mesmo assim, foi preso. Os dois merecem nossa solidariedade e empenho para libertá-los.

REPÚDIO LEGÍTIMO

Achamos legítimo o ódio e o repúdio a todos os monumentos que evocam a memória da classe dominante e que exaltam seus heróis. Afinal, os heróis da classe dominante não passam de assassinos e algozes do nosso povo. Bandeirantes como Borba Gato eram homens brancos que capturavam, escravizavam, estupravam e matavam indígenas no período colonial do Brasil. Não passavam de assassinos inescrupulosos.

As cidades brasileiras estão repletas de monumentos, escolas, praças e ruas homenageando bandeirantes, senhores de escravos, políticos corruptos, militares ditadores e, claro, burgueses. E nada disso é acidental, pois monumentos não são construídos aleatoriamente.

Tomemos o caso de São Paulo. A cidade é atravessada por símbolos em homenagem aos bandeirantes que vão desde rodovias, passando por emissora de TV, estátuas até a sede do governo: o “Palácio dos Bandeirantes”. Nessas homenagens, negros e indígenas são considerados “não cidadãos”.

Segundo o Instituto Pólis, dos 367 monumentos oficiais de São Paulo, apenas nove são referentes a negros e indígenas. Uma das poucas imagens negras é a da “Mãe Preta”, no Largo do Paissandú.



Coordenador do movimento Entregadores Antifascistas, Paulo “Galo” Lima, preso pela queima da estátua.

Ao ver as chamas sob os pés de Borba Gato, a burguesia e seus órgãos de imprensa trataram de recriminar o ato, apelando para o velho discurso da preservação do patrimônio brasileiro. Ora, se a burguesia realmente tivesse alguma preocupação com o patrimônio histórico, o galpão da Cinemateca brasileira, localizado em São Paulo, não teria sido incinerado. O prédio abrigava um rico acervo composto por filmes, documentos históricos e objetos. Há anos está abandonado, o descaso do governo Bolsonaro foi total, mas ninguém será preso por isso.

Em Brasília, Sérgio Camargo (que seria um típico capitão-do-mato à época dos bandeirantes) está destruindo a Fundação Palmares, eliminando do seu acervo tudo aquilo que não cabe na caixa ideológica de extrema direita do bolsonarismo. E a justiça burguesa finge não ver isso, pois a depuração é seletiva e racista. E foi ciente dessa “vista grossa” que um bando ligado ao PSL do Rio de Janeiro quebrou a placa em homenagem a Marielle Franco e ainda postou isso nas redes sociais, na certeza da impunidade.

LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/HPZSW

SÓ COM REVOLUÇÃO

Acerto de contas com os criminosos da nossa história



Estátua de Borba Gato na Zona Sul de São Paulo. Manuel de Borba Gato (1649–1718) foi um bandeirante no Brasil colonial . Iniciou a carreira com o sogro Fernão Dias, seguindo em expedições de captura e escravização de indígenas pelos sertões. Os bandeirantes também foram usados pra massacrar quilombos, como foi o caso de Palmares.

Ninguém pode optar entre ver ou não a imagem de 13 metros de Borba Gato ao passar pela Praça Augusto Tortorelo de Araújo, no bairro de Santo Amaro, na capital paulista, muito menos os indígenas e seus descendentes. Para a artista e ativista indígena Jessa Calderón, “ver essa estátua é como se um judeu fosse obrigado a passar todos os dias diante de uma estátua de Hitler”.

Esses crimes não ficaram no passado. Ainda temos por aí alguns “Borba Gatos”, como o genocida Jair Bolsonaro, responsável direto pela morte de 550 mil brasileiros – que sabotou a compra de vacinas e boicota as medidas de prevenção à Covid-19.

Por isso, reafirmamos nossa defesa irrestrita da liberdade imediata de Paulo Galo e Géssica, bem como a retirada de todas as acusações que pesem sobre eles.

Defendemos que as ações contra os monumentos da classe dominante precisam ser desempenhadas pelas massas. Por mais legítimas que possam ser, ações isoladas contra esses monumentos são utilizadas para reprimir e criminalizar ativistas e lideranças populares; intimidá-los, prendê-los ou afastá-los das ruas e da organização da classe; justificar a repressão aos atos e às massas.

Por fim, assim como o atentado a um político burguês conduz à sucessão de outro, a derrubada de uma estátua da classe dominante por ações isoladas das massas, via de regra, conduz ao restabelecimento da mesma estátua ou ao erguimento de novas estátuas de inimigos da nossa classe.

Isso coloca a tarefa para cada ativista de debater junto à classe trabalhadora e ao povo pobre sobre a necessidade de se fazer uma revolução socialista no Brasil e tomar o poder com suas próprias mãos. Pois é derrubando a burguesia que a classe trabalhadora terá condições não só de controlar a produção de riqueza deste país, mas de acertar as contas com todos os monumentos erguidos pela burguesia e erguer os seus próprios.

POLÊMICA

A conjuntura atual e a política da maioria do PSOL

JERÔNIMO CASTRO,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

Estamos diante de um governo inimaginável. Bolsonaro bateu todos os recordes de insanidades, não apenas pelos ataques à classe trabalhadora, que não foram iniciados por ele, diga-se. A precarização dos direitos trabalhistas, por exemplo, é um aprofundamento do que fizeram seus antecessores.

Mas em temas como a defesa ou não do regime democrático burguês ou, dito de outra forma, a defesa ou não de uma ditadura, ou no escancarado ataque às minorias e setores oprimidos, na defesa de atitudes racistas, machistas e LGBTfóbicas, Bolsonaro faz coisas impensáveis.

Não que seus antecessores fossem consequentes na luta contra o racismo, o machismo e a LGBTfobia. Eram bem fracos, para dizer o mínimo. Basta lembrar que no Brasil o aborto segue sendo criminalizado, a violência racista não parou de aumentar...

Juntamente com ataques permanentes à classe trabalhadora, a defesa de um regime ditatorial e das pautas que oprimem parcelas imensas da população, Bolsonaro demonstrou, durante toda a pandemia, seu profundo descaso com a vida dos brasileiros. Bolsonaro fez chacota das vítimas, propagou mentiras e sempre negou a gravidade da pandemia.

Essa situação geral exige um chamado permanente à frente única que tenha um objetivo comum de colocar para fora esse genocida. Levar para as ruas a indignação e a raiva do povo, transformá-la em ação e derrubar já o governo Bolsonaro são, sem dúvida, nossa tarefa imediata. Aparentemente todos concordamos com isso... Será?

DERRUBAR JÁ BOLSONARO OU FELIZ 2022?

Todos os que compõem a oposição a Bolsonaro num campo mais de esquerda aparentemente concordamos com a necessidade de derrubá-lo. Aparentemente, porque enquanto alguns defendem que a política privilegiada para derrubar Bolsonaro é a de construir atos unitários cada vez maiores, mais amplos e massificados, como nós do PSTU, por exemplo, outros, como a maioria do PT e também a maioria do PSOL, são a favor dos atos, mas propõem, de verdade, que a política privilegiada para derrubar Bolsonaro é outra: a construção de uma frente ampla eleitoral que permita derrotá-lo nas urnas em 2022.


Lula e Boulos

Essa política, que encontra alguma resistência inclusive dentro do próprio PSOL, dá por certo que vamos ter eleições no ano que vem, ignora que até lá as mortes por Covid-19, que são evitáveis, continuarão acontecendo. Ignora também que os ataques aos setores oprimidos aumentarão, e as contrarreformas que levam à uberização do trabalho seguirão.

Tão importante quanto isso é que a proposta da maioria do PSOL para derrotar Bolsonaro eleitoralmente passa pela construção de uma frente amplíssima, sob a direção do PT.

Essa política, compartilhada, aliás, por outras organizações, já teve suas consequências no interior do próprio PSOL. Marcelo Freixo, que defende uma frente amplíssima tanto para a presidência da República, com Lula presidente, quanto no Rio de Janeiro, com sua própria candidatura, chegou à conclusão de que o melhor para aplicar essa política não é estando dentro do PSOL, mas em outro partido, e mudou-se para o PSB.

Essa posição, a de formar uma frente amplíssima, é compartilhada por outras grandes figuras públicas do PSOL: Boulos, em São Paulo, e sua corrente, a Revolução Solidária, estão embarcados no mesmo projeto de apoiar Lula já no primeiro turno e ter sua candidatura a governador apoiada pela frente que vai se formar nacionalmente em torno do PT. No caso de São Paulo, após o PT conseguir as declarações de apoio de Boulos, lançou-se um balão de ensaio de não apoiá-lo para governador do Estado, mas sim para deputado federal e, futuramente, nas eleições de 2024. Aí sim Boulos teria o apoio do PT para a Prefeitura da capital.

Essa contenda gerou um ligeiro mal-estar num setor do PSOL, que tem exigido reciprocidade do PT, mas as críticas não passam muito disso.



Parlamentares que romperam com o PT e fundaram o PSOL em 2004.

A CANDIDATURA DE GLAUBER BRAGA

Uma reação distinta às de Freixo e Boulos, e, junto com eles, da maioria da direção do PSOL, teve um setor da esquerda do PSOL que apresentou a pré-candidatura de Glauber Braga.

Consideramos essa iniciativa importante, ainda que tenhamos profundas diferenças políticas e com o programa apresentado.

LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/ETGIC

RUMOS

Um partido que nasceu da crise de governo do PT

JERÔNIMO CASTRO,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)



Pablo Iglesias, líder do Podemos. Atuou como segundo vice-primeiro-ministro do Governo do PSOE de 2020 a 2021. Abandou a política depois de ser derrotado nas eleições municipais de Madri.

Em seu artigo "Por uma história do PSOL", sobre as origens do seu partido em 2003, Juliano Medeiros, presidente do PSOL, conta: "Naquela noite (da votação da reforma da Previdência), o partido [PT] assinou sua primeira certidão de óbito como alternativa para a transformação social. Ali morria, simbolicamente, o PT nascido no colégio Sion."

Assim, o PSOL nasceu, em primeiro lugar, da justa indignação de um amplo setor do funcionalismo público que, tendo sido PT de carteirinha por anos, construindo e apoiando esse partido, viu-o, após a vitória, cumprindo o papel de um dos vilões da reforma da Previdência. De repente, o discurso neoliberal de FHC sobre o funcionalismo ser privilegiado ganhou o PT.

Outro episódio também ajudará na construção do PSOL: após o mensalão, amplos setores da esquerda repudiam o fisiologismo e a corrupção incrustada no governo.

No entanto, esse movimento de ruptura será limitado pela proposta do PSOL desde o seu nascimento: a de uma reedição, sobre novas bases e um novo momento histórico, do PT.

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

O PSOL já se espelhava em uma experiência internacional. Seu surgimento no Brasil foi parte de um processo mundial em que confluíram uma ala da social-democracia, que se recusava a assumir o social liberalismo que tomava os grandes partidos social-democratas – como o francês, o português, o espanhol, o grego, o alemão e os trabalhistas ingleses –, e alguns setores do stalinismo que vinham de grandes crises, em especial depois da queda do muro de Berlim e do fim do chamado socialismo real. Também envolveu correntes centristas que se reivindicavam do trotskismo, como o Secretariado Unificado e a corrente internacional animada ao redor do SWP inglês [Tendência Socialista Internacional].

Essa junção atraiu, ainda, uma série de correntes e indivíduos vindos dos mais diversos movimentos sociais, de origem e orientação diversas, que conviveram sob o lema de "unir revolucionários e reformistas honestos" que lutavam contra o capitalismo.

Os diversos partidos que se originaram dessas fusões (das quais o PSOL é somente um dos resultados) conheceram seus dias de glória. Na Grécia, o Syriza chegou ao governo no auge de uma onda de greves gerais e lutas contra a colonização do país pelo grande capital europeu, em especial o alemão. Na França, o Novo Partido Anticapitalista (NPA) chegou ter 10 mil militantes; o Bloco de Esquerda, em Portugal, tornou-se um dos mais importantes partidos de esquerda do país; o Die Link [A Esquerda], o partido alemão, conquistou dezenas de cadeiras no Parlamento. O Podemos espanhol se tornou a grande sensação da política por anos.

Todos esses partidos apresentam obviamente peculiaridades e especificidades que vale a pena estudar. Apenas para ficar em um exemplo, o Podemos nem sequer se caracteriza como anticapitalista, não reivindica a junção de revolucionários e reformistas honestos, e seus principais porta-vozes disseram mais de uma vez que não eram "nem de esquerda, nem de direita". Mas o conteúdo de seu projeto, e suas simpatias internacionais, no mais das vezes coincidiu com o grupo de partidos citados.

FATURA

Depois da bonança, veio a fatura. O NPA, após divisões, lutas internas e todo tipo de adaptações, conta hoje com pouco mais de mil militantes e caminha para uma explosão. O Syriza, com quem Luciana Genro tanto simpatizava, fez um governo de capitulação aos ditames da Alemanha e da União Europeia, a tal ponto que assinou um acordo que um referendo popular se opôs. O Bloco de Esquerda participou do governo do Partido Socialista português numa aliança que ficou conhecida como "geringonça", uma experiência que parece animar uma parte do PSOL na participação em governos com sociais liberais que antes eles atacavam. O Podemos, em que Boulos recentemente foi buscar inspiração, entrou no governo do PS espanhol, que eles acusavam de casta. Como consequência, o Podemos amargou uma derrota tão desastrosa nas eleições municipais de Madri que levou Pablo Iglesias, seu líder, a anunciar sua retirada da política.

RUMOS DIFERENTES

O ciclo relativamente rápido que esses partidos viveram, de serem uma alternativa às capitulações da social-democracia e, posteriormente, seu corpo auxiliar, indica a necessidade de se pensar sobre quais seriam erros originais permitiram tal desenvolvimento. Apesar das suas especifidades, por que tiveram um desenvolvimento tão similar?

A questão que Juliano Medeiros e outros dirigentes do PSOL têm de responder é: segue válido que o PSOL surgiu por conta da certidão de óbito do PT como "alternativa para a transformação social"? Ou estava errado dizer aquilo? Ou, ainda, o correto é ressuscitar esse cadáver?

A resposta a essa perguntas é relevante para o PSOL, porque não se trata "apenas" de apoiar as candidaturas do PT já no primeiro turno. O desenho que a direção do PSOL está construindo vai bem além; ela está preparando o partido para entrar e governar junto com o PT, e não somente com o PT, mas com uma frente ampla com toda a burguesia.

Sempre tivemos diferenças com o PSOL. Mas, indiscutivelmente, o caminho proposto pela sua direção é uma mudança total no seu projeto inicial. Resta saber o que farão aqueles que romperam com o PT, e os que entraram depois no PSOL, justamente por acreditarem estar construindo uma alternativa distinta dos governos Lula e Dilma.

LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/ETGIC

PROTESTOS EM CUBA

Pela libertação de todo presos políticos em Cuba

Diversas personalidades, que dificilmente podem ser acusadas de serem “pró-imperialistas” ou “gusanas” [bugeses cubano exilados nos EUA], reconheceram que há uma forte repressão do governo cubano e se manifestaram pela liberdade dos prisioneiros e contra os processos penais. Com o passar dos dias, o alcance da repressão da ditadura cubana contra os legítimos protestos de 11 de julho vão ficando mais claros.

Em 21 de julho, foram divulgadas as sentenças de prisão para doze detidos durante os protestos. Dez deles foram condenados a um ano de prisão. Os dois restantes, os únicos que tinham advogado, vão cumprir pena de 10 meses. Entre eles está o artista audiovisual Anyelo Troya González, fotógrafo e um dos produtores do videoclipe “Pátria e Vida”, que se tornou referência para muitos manifestantes cubanos. Troya foi detido enquanto tirava fotos dos protestos. Foi acusado pelo regime de promover “desordem pública” e condenado a um ano de prisão em julgamento sumário, sem advogado de defesa, sem a presença da família. Nenhum membro da família teve acesso a uma cópia da sentença. Foi uma aberração jurídica característica dos piores regimes ditatoriais. Outros presos – a maioria deles jovens, fotógrafos, artistas, jornalistas independentes, etc. – estão privados de sua liberdade por acusações tão arbitrárias quanto “desacato” ou “crimes contra a segurança do Estado”.

A plataforma cubana El Toque Jurídico afirmou que não se trata de um caso isolado: “O governo cubano decidiu processar centenas de manifestantes pacíficos por meio de julgamentos sumários, procedimento que permite que pessoas acusadas de crimes sejam julgadas em menos de 20 dias, quando o parâmetro da sanção não exceda um ano de privação de liberdade”. Nesse tipo de processo, vai acusação policial, sem a mediação de promotores ou advogados, ao julgamento oral, no qual data e hora também são desconhecidas até o último momento. Isso torna extremamente difícil para os réus contratarem advogados ou que suas famílias possam estar presentes. Esse foi, segundo seu irmão Yuri, o caso de Anyelo: ‘Viemos correndo com o advogado e o julgamento já havia sido concluído. Eles o julgaram sem advogado. Havia 12 jovens no mesmo julgamento sumário e apenas dois tinham advogado porque os pais descobriram a tempo’”, segundo informa a agência EFE.

Elaborada a partir de várias iniciativas, há uma lista muito detalhada de 665 pessoas detidas desde 11 de julho, das quais 37 estão desaparecidas e 134 foram libertadas. Esses dados mudam constantemente, já que as prisões não ocorreram apenas durante os protestos. Também há relatos de caçadas de casa em casa em alguns municípios, depois que a polícia identificou alguns rostos por meio de vídeos postados nas redes.

A repressão do regime castrista, com múltiplas violações dos direitos humanos e das normas processuais elementares, despertou a solidariedade de importantes personalidades cubanas, que dificilmente poderiam ser acusadas de “gusanos” ou “mercenários”.

O cantor e compositor Silvio Rodríguez, ícone da música da ilha e defensor da revolução cubana, pediu anistia para todos os detidos em decorrência dos protestos do 11-J. O conhecido escritor cubano Leonardo Padura, também criticou a repressão da liderança castrista.





CAMPANHA DE CRIMINALIZAÇÃO

O regime cubano desencadeou uma intensa campanha de criminalização de quem participou ou apoiou as diversas manifestações de descontentamento social. Desde o início dos protestos, Díaz-Canel, chefe do governo, descreveu os manifestantes como “marginais” infiltrados, supostamente “pagos pelos EUA”, ou como vândalos que buscam apenas criar “distúrbios”.

Nesse sentido, o papel desempenhado por grande parte da chamada esquerda, que boicota a solidariedade para com o povo cubano, é desastroso. O stalinismo, liderado pelos ditos partidos comunistas, e suas variantes se posicionaram contra as manifestações com o argumento de que os protestos estariam constituídos por mercenários pagos pelo imperialismo para derrubar um governo e um Estado supostamente “socialistas”. Apoiam as prisões e repressão dos chamados “gusanos contrarrevolucionários”. Outras correntes apenas denúnciam do bloqueio norte-americano à Ilha. É claro que o bloqueio deve ser rejeitado e derrotado por se tratatar de uma ingerência imperialista, mas não dizer uma palavra contra o regime cubano ou sobre os presos políticos e desaparecidos é vergonhoso e também contribui para a repressão.

MOBILIZAÇÕES

As mobilizações de 11 julho não foi reacionário nem “pró-imperialista”. Foi um processo de luta justo e legítimo, baseado nas mesmas demandas de outros países latino-americanos. Ao alarmante processo de detoriação das condições de vida em Cuba se soma o elemento de completa falta de liberdade para se organizar e lutar contra a ditadura. Além do fato de que o imperialismo e seus agentes certamente tentaram e tentarão influenciar esse descontentamento, o significado político do processo não é a “entrega” de Cuba para Washington ou Miami ou qualquer coisa assim. Esta interpretação não é mais do que uma cortina de fumaça que a ditadura castrista usa para deslegitimar qualquer expressão de oposição política.

É urgente articular ações de todos os tipos em defesa das liberdades democráticas para o povo cubano. As mesmas liberdades que exigiríamos para qualquer outro povo. Isso significa liberdade de associação em sindicatos e partidos políticos por fora do regime; liberdade de acesso à internet; liberdade de imprensa e expressão; direito de greve e liberdade de manifestação por seus atos direitos na forma como o povo se autodetermine e se organize.

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/Y0OR5

GOLPE

Abaixo o golpe de estado na Tunísia!

FABIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)

Muita gente pode ficar confusa ou ter dúvidas sobre o que significa exatamente construir uma sociedade socialista. Uma das coisas que mais ouvimos é que o socialismo existe hoje em países como Venezuela, Cuba, Coreia do Norte ou China. Mas nesses países o que existe é o capitalismo, aliado a um regime ditatorial controlado por um partido único e pelas forças armadas. Não há liberdades democráticas, e os trabalhadores não têm direito a organizar sindicatos livres e independentes. Greves são proibidas e há censura na imprensa. Na verdade, nesses países a riqueza encontra-se nas mãos de poucos, enquanto a população amarga a miséria.

No dia 25 de julho, o presidente Qais Saied destituiu o governo do primeiro-ministro Hichem Mechichi, congelou o parlamento por 30 dias, proibiu reuniões com mais de 3 pessoas, decretou toque de recolher noturno e colocou o exército nas ruas. Nesse mesmo dia houve manifestações em várias cidades pedindo a destituição do primeiro-ministro devido à crise econômica, ao desemprego e ao colapso do sistema de saúde sob o impacto da pandemia.

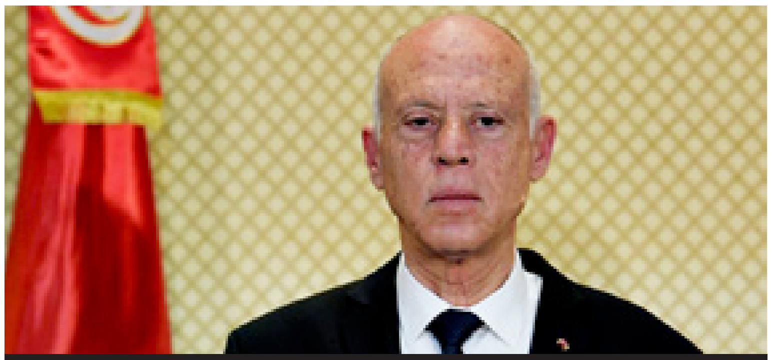
Qais Saied alegou atender um chamado das ruas, apoiado pelo artigo 80 da constituição que prevê a destituição do governo em caso de emergência nacional e em consulta ao parlamento (consulta que não houve).

Num primeiro momento o primeiro-ministro Mechichi e seis dos 12 principais partidos políticos condenaram o golpe como ilegítimo. Além do Ennahda (principal partido no parlamento de orientação burguesa e islâmica) e seus aliados Coração da Tunisia e o Coalisão Dignidade, também se opuseram às medidas a social-democrata Corrente Democrática (Attayar), o liberal Partido da República e o Partido dos Trabalhadores (um dos principais partidos de esquerda). A central sindical União Geral dos Trabalhadores Tunisianos (UGsTT) manteve-e neutra

O imperialismo americano, europeu e a Liga Árabe não condenaram o golpe de estado, pregando a defesa da estabilidade e a calma social. O regime saudita apoiou o golpe e, junto com o regime dos Emirados Árabes, utilizou as mídias sociais para disseminar artificialmente uma campanha tratando o golpe como uma revolta de tunisianos contra a Irmandade Muçulmana.

Após o posicionamento do imperialismo, o primeiro-ministro Mechichi aceitou sua destituição e o Ennahda e a UGTT adotaram uma posição conciliatória pelo diálogo nacional, e de aguardar os 30 dias, se recusando a chamar qualquer tipo de protesto de rua contra o golpe de estado.

A impopularidade do governo Mechichi e do parlamento combinada com a passividade dos partidos políticos e da UGTT, criaram as condições para o esvaziamento das ruas.



Presidente Qais Saied determina suspensão das atividades parlamentares por 30 dias e demite primeiro-ministro

QUEM É QAIS SAIED

O presidente Qais Saied foi eleito há dois anos em meio à insatisfação generalizada com os 12 governos que sucederam a ditadura de Ben Ali, derrubada em janeiro de 2011, e com a própria democracia liberal tunisiana vista por 90% da população como corrupta tal qual a ditadura de Ben Ali.

Qais Saied sempre criticou o modelo de democracia liberal tunisiano com repartição de poderes entre um presidente responsável pelas forças armadas e pela política externa, e um primeiro-ministro eleito pelo parlamento que forma o governo. Qais Saied defende um sistema presidencialista autoritário.

Neste momento, Qais Saied está seguindo os mesmos passos do ditador egípcio Abdel Fatah Al-Sissi, quem ele visitou em abril e trocou elogios. O general Al-Sissi aproveitou uma grande onda de protestos contra o governo de Mohammad Morsi da Irmandade Muçulmana e deu um golpe militar em 3 de julho de 2013.

Apesar dos esforços de Qais Saied, não está claro que ele vencerá esta batalha já que, cedo ou tarde, ele enfrentará a juventude e a classe trabalhadora tunisiana que lutará por melhores condições de vida e pelas liberdades democráticas conquistadas na revolução de 2011.

LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/OUWG3

DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA

Novas formas de colonialismo estão na raiz da crise social

A Tunísia conquistou sua independência da França em 1956. No entanto, novas formas de colonialismo foram implementadas pelo imperialismo europeu e americano para saquear as riquezas do país, contando com a parceria das novas elites que assumiram o poder.

Após um período inicial pós-independência de forte intervenção do Estado na economia, o regime tunisiano muda de orientação e promove a abertura da economia para o capital privado estrangeiro e nacional denominada de Infitah (portas abertas em árabe).

Orientada por organismos internacionais como o FMI e o Banco Mundial, o Infitah deu início a políticas de austeridade que estão presentes até os dias de hoje e são as responsáveis pela penúria pela qual passa a população tunisiana.

Nenhum dos 12 governos pós-revolução de 2011 reverteu essas políticas de austeridade. A média de crescimento anual do PIB entre 2011 e 2019 foi de apenas 1,5%. Em 2020, a economia encolheu 8,6% e nos três primeiros meses de 2021, reduziu 3%. O turismo e a manufatura foram duramente afetados pela pandemia. O desemprego está em 17,8% da população economicamente ativa, atingindo 35% entre a juventude. Hoje a dívida pública atinge 88% do PIB. As negociações com o FMI para conseguir um crédito de US$ 4 bilhões exigirão novos cortes nos gastos públicos e mais medidas recessivas impopulares.

LUTA

Uma nova revolução com a classe operária a frente

Para reverter esta situação é necessária uma nova revolução para conquistar uma verdadeira independência nacional que nacionalize as empresas estrangeiras e nacionais, sob o controle dos trabalhadores, para que toda a riqueza nacional seja destinada à classe trabalhadora.

Apenas desta forma será possível ter pleno emprego, salários dignos, saúde e educação pública de qualidade, investimentos nos bairros populares e regiões pobres do interior e outras medidas populares. Nenhuma dessas medidas foi feita pelos governos anteriores e nem serão feitas por Qais Saied. Apenas a classe trabalhadora e a juventude pobre, através de sua luta, pode conquistar esses objetivos.

O primeiro passo para uma nova revolução é organizar a luta contra o golpe de estado de Qais Saied. Temos que defender as liberdades democráticas que são muito importantes para a classe trabalhadora se organizar. Para isso é necessário mudar a orientação conciliatória da UGTT e colocá-la na luta.

É necessário construir uma alternativa, um partido operário revolucionário que lute para levar a classe trabalhadora ao poder para garantir uma verdadeira independência nacional e uma vida digna para a classe trabalhadora.`

CAMPO

Pernambuco e sul do Pará: a resistência contra o latifúndio


Devastação provocada por fazendeiros em Pernambuco

WALDEMIR SOARES E MANÉ BAHIA, DA CSP-CONLUTAS

A região da Mata Sul pernambucana talvez seja a que mais expresse no momento o conflito fundiário entre camponeses e o agronegócio. Nos dias 27 e 28 de julho, famílias agricultoras da comunidade do Engenho Guerra, município de Jaqueira, foram surpreendidas com a expulsão e destruição de suas plantações.

Em meio à pandemia, a ação de remoção foi realizada em terras da falida usina sucroalcooleira Frei Caneca, contando com a presença de um oficial de justiça e da Polícia Militar, apoiando-se na decisão da 26ª Vara Federal de Pernambuco. O cumprimento da imissão acontece pela suposta posse do novo proprietário que arrematou em leilão as referidas áreas nos municípios de Jaqueira e Maraial, devido a processo judicial de execução fiscal. Os agricultores que manejam o plantio na área há mais de 20 anos sofreram tentativa de assassinato e coação física e moral para abandonar a posse e permitir assim o avanço da agropecuária.

O mesmo acontece com os posseiros do Lote 96, da Gleba Bacajá, em Anapu (PA), onde 54 famílias moram há mais de 11 anos e lutam contra o risco de despejo. São terras públicas pertencentes à União que já foram declaradas para fins de reforma agrária. A gleba foi alvo de grilagem por parte do fazendeiro Antonio Borges Peixoto, que usa documentos falsos, intimidações, ameaças, queima de casas e desmatamento ilegal para tomar posse do local. Em 20 de maio último, os agricultores foram informados da sentença dada pela Justiça do Pará determinando a reintegração de posse a favor de Peixoto.

“O Pará sempre foi marcado pela forte ação criminosa de fazendeiros, que não passam de grileiros, e pela violência no campo contra camponeses. Tudo com a omissão e conivência de governos e do Judiciário a favor dos poderosos”, explica o agricultor Erasmo Teófilo, presidente da Cooperativa de Agricultores da Volta Grande do Xingu. A missionária Dorothy Stang foi assassinada em Anapu em 2005, e o próprio Erasmo foi vítima de três atentados contra sua vida.


Erasmo Teófilo está na mira da escopeta dos ruralistas

O Judiciário cumpre seu papel na garantia da propriedade e do lucro, e as decisões judiciais de Pernambuco e do Pará a favor da grilagem e do agronegócio contra os agricultores constituem mais um triste exemplo.

VITÓRIA DA MOBILIZAÇÃO

Na manhã do dia 2 de agosto, os agricultores realizaram um protesto na rodovia PE 126, na região de Jaqueira. A pressão surtiu efeito, e a 33ª. Vara Federal de Pernambuco suspendeu a emissão de posse das áreas da Usina Frei Caneca e arrematação da fazenda realizada em hasta pública. A luta segue.

OFENSIVA

O ataque do governo contra indígenas e camponeses

A participação exponencial do agronegócio na economia implica confronto direto com populações da terra, dos territórios, da natureza e das águas. No acesso ao território, os interesses do plantio de commodities e da geração de lucro do agronegócio se chocam diretamente com a necessidades da pequena agricultura familiar.

Por isso, a bancada ruralista está impondo uma agenda para a Câmara dos Deputados que dificulta a demarcação de terras indígenas (PL nº 490/2007), libera a mineração em territórios indígenas demarcados (PL nº 191/2020), regulariza e privatiza terras públicas federais (PL nº 2.633/2020). Trata-se de uma movimentação organizada contra direitos constitucionais de desconcentração de terras, garantias de territorialidade e preservação ambiental.

TERRA PARA QUEM NELA TRABALHA

Os camponeses em todo o Brasil reivindicam dos governos estaduais e federal a destinação das terras para o Programa Nacional de Reforma Agrária, que vem sendo desmontado em prol da concentração de terras e do agronegócio. Uma história que teve seu capítulo nos governos do PT, que trouxeram para o seu Ministério ruralistas como Roberto Rodrigues e a senadora Kátia Abreu.



Com Bolsonaro , o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) foi transformado em imobiliária para atender os interesses da grilagem de terras. O governo estimula a ação das milícias de fazendeiros e investe contra os movimentos sociais. Todos os processos de desapropriação foram suspensos e a Secretaria de Obtenção de Terras, extinta.

Apesar dos diferentes discursos, o governo Paulo Câmara, do PSB pernambucano, não é muito diferente. Fecha os olhos para diversas denúncias de agricultores contra a violência da polícia e da milícia armada do agronegócio.

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/OPVTL

ESTRATÉGIA

Lutar pela reforma agrária e pelo socialismo

A luta para garantir o amplo acesso à terra e território é pelo fim do capitalismo. E a tarefa imediata dos movimentos sociais é derrubar Bolsonaro e sua tropa de ruralistas. Mas não vamos conquistar nada com proposta de reformar esse sistema que promove a concentração de terras e a violência no campo. A grande propriedade fundiária está intimamente ligada aos negócios de toda a burguesia, dos capitalistas das cidades, estrangeiros e até com o sistema financeiro. Por isso, a luta pela terra se liga à necessidade de superar o capitalismo e construir uma sociedade socialista.

Reforma agrária radical sob controle dos trabalhadores. Demarcação das terras indígenas e quilombolas. Não ao Marco Temporal. Essas são as únicas reivindicações que podem garantir dignidade para as famílias de pequenos agricultores e fim da violência no campo.

mural

OS DO CONTRA

Bolsonaro é contra taxar grandes fortunas

No último dia 2 de agosto, Bolsonaro deixou claro mais uma vez que governa em prol dos ricos. "Alguns querem que eu taxe grandes fortunas no Brasil. É um crime agora ser rico no Brasil? A França, há poucas décadas, fez isso. O capital foi para a Rússia", disse. Seu governo genocida prepara mais um ataque com a reforma tributária. Ao que tudo indica, o projeto de Paulo Guedes vai jogar mais carga tributária sobre a classe média e também o povão.

Mas a fala de Bolsonaro não é algo totalmente surpreendente, levando-se em conta que seu governo acabou com direitos trabalhistas e aposentadorias, com a reforma da Previdência, quer entregar o patrimônio nacional de bandeja para os grandes capitalistas, por meio das privatizações da Petrobras, Eletrobras e, agora, Correios.

LULA TAMBÉM...

Quem também se opõe à taxação das grandes fortunas é Lula. "O problema não é taxar grandes fortunas, porque você pode taxar grandes fortunas e elas voarem para outro país", disse. O PT ficou no poder por 12 anos e nunca taxou as grandes fortunas ou ousou tributar os banqueiros. Ao contrário, deu incentivos fiscais de bilhões de reais para os grandes capitalistas.

No Brasil, quem paga imposto é o pobre. Você que ganha um salário mínimo, quando vai ao mercado comprar um pacote de arroz, acaba pagando o mesmo imposto que Roberto Setúbal, dono Itaú, que lucrou R$ 18,91 bilhões no ano passado, sobre os quais não pagou nem um real em impostos. Isso acontece por que a maioria da arrecadação de impostos (quase 52%) é feita sobre o consumo de bens e serviços. Já o imposto sobre a propriedade representa somente 3,93% da arrecadação. Isso significa que os grandes empresários ou fazendeiros, que necessitam de estradas e ferrovias construídas pelos impostos, não pagam praticamente nada ao fisco.

É claro que a burguesia pode burlar facilmente um imposto com a fuga de capitais para os paraísos fiscais. Contudo, mesmo sem tributar as grandes fortunas, o Brasil já é um dos países campeões na "fuga de milionários" no mundo. Segundo o banco AfrAsia, em parceria com a organização New World Wealth, o país é o sétimo com a maior saída de patrimônio entre os que têm mais de US$ 1 milhão.



Por isso, só a taxação não resolve a desigualdade. Também é necessária a expropriação dos grandes grupos nacionais e estrangeiros – indústria, comércio e serviços –, a expropriação dos bancos e a centralização de todo o sistema financeiro em um único banco nacional.

CRIME PREMEDITADO

Incêndio na Cinemateca e o descaso do governo Bolsonaro



O incêndio que atingiu o galpão da Cinemateca Brasileira, localizado na Vila Leopoldina, em São Paulo (SP), na noite do dia 29 de julho, era uma tragédia anunciada e totalmente ignorada pelo governo Bolsonaro, responsável pela instituição. É resultado da política de descaso desse governo, que despreza a educação, a ciência, a cultura e a arte.

A Cinemateca abriga o maior acervo de imagens em movimento da América Latina. São cerca de 245 mil rolos de filmes e 30 mil títulos, entre obras de ficção, documentários, cinejornais, filmes publicitários, livros, roteiros, registros familiares etc.. A instituição guarda, por exemplo, registros raros, como a coleção de imagens da TV Tupi, primeira emissora do país.

Em 2019, Bolsonaro rescindiu o contrato com a mantenedora da Cinemateca, a Fundação Roquete Pinto. No dia 7 de agosto de 2020, o governo chegou a enviar a Polícia Federal ao local para tomar as chaves da instituição. Os funcionários foram demitidos e contas não foram pagas, incluindo do serviço de segurança e manutenção do imóvel.

No final do ano, o secretário especial de Cultura, o ator bolsonarista Mário Frias, disse que publicaria um edital para contratar uma Organização Social para assumir o local, mas nada foi feito.

Em abril último, trabalhadores da Cinemateca denunciaram numa carta aberta o abandono da instituição. Alertaram que um dos principais riscos era o de incêndio, já que o material das películas antigas exigiria cuidados específicos. Sem isso, haveria risco de combustão espontânea.

Vários cineastas falaram sobre o caso. Walter Salles foi incisivo: "O incêndio do galpão da Cinemateca é o resultado do desprezo e incompetência de um governo que veio para apagar a nossa memória coletiva, e não para preservá-la. Ao afastar o corpo técnico altamente especializado da CB, o governo criou as condições para essa tragédia anunciada. Esse desastre não é um incidente, e sim a consequência de uma política de Estado. Uma Cinemateca guarda a memória visual de todo um país. É um bem público, que pertence a todos os brasileiros, e não a um governo. Simbolicamente, o incêndio do galpão da Cinemateca Brasileira – e, portanto, da nossa memória coletiva – é como o incêndio das terras públicas na Amazônia. Um crime."